

Adolescência e gravidez: o processo de subjetivação de adolescentes grávidas na contemporaneidade

*Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas*¹

Resumo

Este trabalho tem por base a investigação que deu origem a nossa tese de doutoramento. Nosso objetivo era compreender o processo de subjetivação das adolescentes brasileiras na sociedade atual e o lugar que a gravidez ocupa nesse processo. Para alcançar esse objetivo, fundamentamo-nos nos princípios teóricos da Neopragmática Lingüística, que tem o psicanalista Jurandir Freire Costa como um de seus intérpretes. É a noção de sujeito defendida por esse autor, a partir dos trabalhos de Rorty, a que adotamos neste trabalho. Nesse sentido, o sujeito é uma “rede de crenças e desejos que precisam ser postuladas como causas internas do comportamento lingüístico de um organismo singular” (Rorty, 1997, p. 169). O caminho que adotamos para a coleta, tratamento e análise dos dados foi o da investigação qualitativa, com ênfase na História de Vida. Utilizamos, para a coleta dos dados, a entrevista em profundidade, com roteiro. Das entrevistas obtidas, selecionamos 12, que passaram a compor a amostra, agrupadas em três subconjuntos de sujeitos denominados A, B e C. Transformamos as narrativas em Histórias de Vida e analisamos seus conteúdos, obedecendo às seguintes etapas: análise da narrativa de cada sujeito, análise no interior de cada conjunto (A, B e C) e análise do conjunto geral de sujeitos. Cada uma das etapas tinha sempre como orientação principal a análise dos seguintes aspectos: constituição familiar, configuração de paternidade e maternidade, configuração de si mesma e lugar da gravi-

dez. Os resultados encontrados revelam um sujeito que se subjetiva, entrelaçando crenças e desejos configurados pela tradição e pelo ideário neoliberal contemporâneo, respeitando as especificidades do contexto socio-histórico e cultural ao qual pertence. Nessa trama, percebemos o predomínio dos princípios e valores da família tradicional. A gravidez ocupa um lugar de ressignificação do modelo materno, constituindo-se como o modo de confirmar valores da tradição e de desvelar a mulher adolescente sexualizada que o silêncio repressor expulsou como discurso explícito.

Palavras-chave: adolescência, subjetividade, gravidez.

Abstract

This paper is based on the investigation that originated our PhD dissertation. The objective was to understand the subjectivation process of Brazilian teenage girls in modern society and the place pregnancy occupies in this process. To achieve this goal, we drew on the theoretical principles of Neo-Pragmatic Linguistics, in particular the psychiatrist Jurandir Freire Costa, one of its interpreters. So we adopted the notion of subject defended by this author based on Rorty's works. In this way, the subject is a “chain of beliefs and desires that must be postulated as internal causes of linguistic behavior of a singular organism” (Rorty, 1997: 169). Qualitative investigation emphasizing Life History was the way adopted for data collection, treatment and analysis. For data collection thorough interviews were made, including transcripts. We selected 12 interviews to be included in the sample which was divided into three sub-sets called A, B, and C. We transformed the narratives into Life Histories and we analyzed their content as follows: the narrative analysis of each subject, the analysis in the center of each set (A, B, and C) and the analysis of the general set of subjects. Each phase had as its main orientation the analysis of the following aspects: family constitution, paternity and maternity configuration, configuration of herself, and the place of pregnancy. Results show

¹ *Psicóloga e professora da Universidade Católica de Pernambuco, doutoranda pela Universidade de Deusto, Bilbao-Espanha, no programa Saúde e Família.*



a subject that subjectivizes herself mingling beliefs and desires according to tradition and to modern neoliberal ideas respecting specifics of the social and historical context to which it belongs. In this scenario, the predominance of the principles and values of the traditional family can be seen. Pregnancy, then, occupies a place of “giving new meaning” to the maternal model as a way to confirm traditional values and to reveal the adolescent sexualized woman that repressive silence expelled, as explicit discourse.

Key words: adolescence, subjectivity, pregnancy.

Introdução

A investigação da qual se originou este trabalho teve como objetivo compreender algumas formas de subjetivação das adolescentes na sociedade brasileira contemporânea e o significado de engravidar nesta etapa do desenvolvimento para seus processos de subjetivação.

Para implementação deste projeto, desde o início se evidenciou a necessidade de circunscrevê-lo dentro de um contexto socio-histórico e cultural e, por esse motivo, decidimos adotar como marco teórico, principalmente, autores brasileiros que tratam a questão da subjetividade, e, quanto à metodologia, consideramos fundamental descrever a adolescente em relação à realidade brasileira assim como, também, em relação ao modo como se constituem suas relações familiares e espaço-temporalidade. A noção de subjetividade que adotamos seguiu a orientação do Neopragmatismo Lingüístico, que tem Wittgenstein como autor central e, no Brasil, encontra respaldo nos trabalhos de um grupo transdisciplinar, do qual fazem parte: Jurandir Freire Costa, Benilton Bezerra Júnior, Ana Maria Ribeiro Coutinho, Contardo Calligaris e outros. Dessa maneira, consideramos que o processo de subjetivação se dá com a aprendizagem da linguagem e “aprender uma linguagem é introduzir-se no conjunto de regras explícitas e implícitas que constituem as convenções sociais – as instituições, as atitudes, as crenças, os valores, as intenções, os

comportamentos etc. – de uma determinada ‘forma de vida’ (cultura)” (Coutinho, 1985, p. 76). Nesse sentido, subjetivar-se diz respeito ao processo no qual o sujeito significa seus desejos e suas crenças num conjunto de signos e sinais que dão sentido à sua existência e atualizam sua intencionalidade.

Nessa perspectiva teórica, o sujeito é uma rede de crenças e desejos, e esta trama de crenças e desejos é a causa interior de seu comportamento lingüístico Costa (1994), Rorty (1997). Também consideramos que essa rede está sempre se reconstruindo a si mesma, a partir das contingências do contexto socio-histórico e cultural no qual está inserida. Portanto, para compreender como essas adolescentes grávidas se constituíram como sujeitos, fez-se necessário percorrer o caminho de reconstrução deste contexto. Desse modo, iniciamos nossa discussão teórica, retomando as descrições de família das últimas cinco décadas, especialmente a brasileira, a partir de autores, tais como Sérvulo Figueira, Ana Maria Nicolaci-da-Costa, entre outros, uma vez que, consideramos ser na família onde a adolescente encontra seus principais doadores de identidade, a partir dos quais ressignifica e constrói sua rede de crenças e desejos. Continuamos retomando os discursos a respeito desse sujeito adolescente que engravida nas últimas décadas, com a finalidade de demonstrar que as descrições acerca dele são historicamente contingentes. Desse modo, verificamos que, da década de 50 para cá, tanto as descrições de família quanto as descrições sobre a adolescente e, especialmente, a que engravida, sofreram grandes transformações.

Metodologia para coleta e análise dos dados

O caminho percorrido para a compreensão desse sujeito nos levou a adotar como instrumento de coleta de dados a entrevista em profundidade com roteiro, com questões referentes a toda a trajetória de vida da adolescente grávida. Nosso projeto inicial previa entrevistar adolescentes de dois níveis socioeconômicos: baixo e médio, seguindo os critérios do IBGE (1996), que considerava como classe média brasileira quem tem uma ren-

da familiar entre 10 e 40 salários mínimos. As adolescentes consideradas por nós como de nível socioeconômico baixo foram buscadas em um hospital público (IMIP); e as adolescentes consideradas como de nível socioeconômico médio chegaram até nós por indicação de pessoas de nossas relações. No entanto, à medida que avançávamos na coleta e iniciávamos as primeiras análises, outro quadro se ia delineando. Logo percebemos que, devido à amplitude do intervalo adotado pelo IBGE, para delimitar o que é classe média no Brasil, as adolescentes entrevistadas desse segmento socioeconômico não apresentavam a homogeneidade necessária para compor um único conjunto. O mesmo ocorria com as adolescentes do segmento socioeconômico denominado de nível baixo. No nível que havíamos denominado médio, podíamos distinguir nitidamente dois conjuntos: um correspondente ao nível socioeconômico médio-alto e outro de nível socioeconômico médio-baixo; ambos se diferenciavam tanto pela renda familiar como por outros indicadores (outras formas de pertencimento), tais como: o bairro onde vivem, a escola onde estudam ou estudaram, o tipo de moradia, a profissão e o nível de escolaridade dos seus pais. Denominamos a esses dois conjuntos de A e B e, em vez de falar em níveis socioeconômicos, passamos a falar de padrão socioeconômico e cultural. No segmento que havíamos denominado de nível socioeconômico baixo, também encontramos dois subconjuntos: um que tomamos para análise, o qual passamos a denominar de conjunto C, e outro, que eliminamos da análise, porque estava constituído por adolescentes que vivem em condições de extrema pobreza, residentes em favelas e que, por possuírem características muito específicas e bastante diferentes da nossa amostra, entendemos que mereciam fazer parte de outro estudo. Dessa maneira, foi o número de adolescentes entrevistadas do segmento social médio que acabou por impor-se como critério para delimitar o número total da amostra. Como nesse segmento, a dificuldade de acesso às participantes era muito grande (após um ano de coleta de dados, havíamos alcançado apenas um total de oito entrevistadas) e, além disso, haviam sido divididas em dois subconjuntos de quatro participantes cada, tomar um número mai-

or de participantes do segmento de padrão socioeconômico e cultural baixo poderia torná-lo excessivamente pregnante e correríamos o risco de desfigurar o perfil geral de nossos resultados. Além disso, coerentemente com a proposta metodológica que havíamos adotado e com o objetivo de nosso trabalho, aumentar o número de sujeitos não supunha obter informações adicionais. Desse modo, tomamos 4 adolescentes de padrão socioeconômico e cultural baixo para compor nossa amostra. Ao final, nossa amostra se constituiu de 12 adolescentes, entre 17 e 19 anos, subdivididas em três conjuntos, denominados de A, B e C.

Durante a coleta de dados, foi também delineando-se o caminho que deveríamos adotar no tratamento do material obtido, para fazer frente à riqueza e magnitude deles e, ao mesmo tempo, contemplar a singularidade da narrativa de cada adolescente. Conseqüentemente, o caminho metodológico escolhido foi a reconstrução das histórias de vida das adolescentes, seguidas da análise e interpretação dos conteúdos das narrativas. Para alcançar a compreensão do modo de subjetivação da adolescente atual e do lugar da gravidez, a leitura desse processo supôs a construção de uma relação tridimensional, a saber: **1) leitura da narrativa de cada adolescente em si mesma, 2) leitura do sujeito que emerge dessas narrativas reunidas em três subconjuntos, considerando, principalmente, os meios tradicionais de pertencimento (família, nível socioeconômico, comunidade onde vivem, escola que freqüentam, etc) e 3) leitura do sujeito emergente a partir da análise do conjunto geral que compõe a amostra.** Esperávamos que da convergência dessas três dimensões surgisse o discurso do sujeito adolescente grávido. Percorrer o caminho da reconstituição, neste contexto, permitiu compreender como essas adolescentes grávidas se constituem como sujeitos. As conclusões dessa investigação derivam deste percorrido, no qual tivemos como vetores principais: a constituição familiar, a configuração de paternidade e de maternidade, a configuração de si mesma e o lugar que ocupa a gravidez em seu processo de subjetivação.



Discussão dos resultados

Nossos principais resultados são os seguintes.

- 1) As famílias das adolescentes de nossa investigação se constroem como uma rede de crenças e desejos constituída por princípios e valores ligados à tradição e à contemporaneidade. Desse modo, as adolescentes grávidas brasileiras se subjetivam, entrelaçando princípios e valores configurados pela tradição e pelo ideário neoliberal contemporâneo, respeitadas as especificidades do contexto socio-histórico e cultural do qual fazem parte, ainda que ressignifiquem e atualizem esses princípios e valores.
- 2) Entretanto, talvez por estarem situadas na região Nordeste do país, considerada uma das mais subdesenvolvidas e onde há um predomínio de católicos, observamos que há uma predominância da tradição no modo de subjetivação dessas adolescentes, principalmente, no que se refere à construção de uma identidade feminina (construção do ser mulher).

Isso pode ser observado nos seguintes aspectos:

- constroem-se como mulheres que se percebem primeiramente como mães;
- as funções domésticas são vistas como responsabilidades principalmente suas;
- o exercício da sexualidade é visto de uma forma ambivalente e contraditória.

Nesse sentido, parecem identificar-se com suas mães, conforme apontam vários autores. As mães dessas adolescentes se apresentam do mesmo modo que elas, buscando a realização profissional, mas sobrepondo a isso as funções de mãe e dona de casa. Seus conflitos diante do tema da sexualidade se evidenciam nas dificuldades que têm para falar de sexo com suas filhas. Para as filhas, o sexo se realiza antes do casamento, mas implica sentimentos de culpa e necessidade de autojustificação. Isso acarreta paradoxos do tipo: são informadas, mas engravidam. Nossos resulta-

dos confirmam as conclusões de Nanette Ávila Desser (1993), em sua investigação sobre este mesmo tema: ao sentirem-se culpadas por ter relações sexuais antes do casamento, essas adolescentes necessitam lançar mão de argumentos do tipo romântico: “fiz sexo, porque estava apaixonada” ou não usar anticonceptivo para excluir assim a possibilidade de premeditação. O ter relações sexuais se legitima como um ato que se realiza sob o ardor da paixão e dos sentimentos de amor, longe da premeditação que usar anticoncepcionários denunciaria.

- 3) Da contemporaneidade, essas adolescentes trazem a crença no valor dos estudos e da profissionalização para as mulheres. Entretanto, há variações no interior dos três conjuntos de adolescentes quanto à forma de realização dessa crença e quanto às suas motivações. As variações dizem respeito às condições concretas de existência de cada uma delas. Desse modo, para as adolescentes do conjunto A, estudar e profissionalizar-se é uma realidade possível e concreta, o que as leva a adotar atitudes definidas em direção à realização dessas crenças e desejos; para as adolescentes dos outros dois conjuntos, B e C, existem dificuldades reais que as levam em busca de satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência. Nesses conjuntos de adolescentes, a satisfação das necessidades básicas se antepõe a outros objetivos, tais como o de realização profissional.

- 4) O masculino que se configura como desejado por essas adolescentes, tanto na figura do pai como na do companheiro, também denuncia a presença dos dois ideais. Esperam que seus companheiros sejam os principais responsáveis pela manutenção da família, ainda que desejem também participar e colaborar para tal fim. Mas, ainda confirmando o predomínio da tradição, percebem-se mais prejudicadas que seus companheiros por uma gravidez inesperada, já que consideram que ele não terá que encarregar-se dos cuidados com a criança que vai nascer, porque essa é uma incumbência, principalmente, feminina. Isso demonstra que, apesar

da família igualitária fazer parte do nosso ideário, ainda é muito forte a presença da tradição no imaginário feminino.

- 5) De um modo geral, as adolescentes apresentam a crença de que um casal deve compartilhar responsabilidades; mas, simultaneamente, apresentam também a crença de que a mulher deve assumir a maior parte das responsabilidades no âmbito doméstico e o homem a maior cota de responsabilidades na manutenção da família. Em conseqüência, preparam-se para ser tal qual suas mães, mulheres sobrecarregadas, estressadas, que acumulam funções domésticas com o trabalho fora do lar, uma atualização e ressignificação da *mater dolorosa* tradicional, aquela mulher que devia saber renunciar, sacrificar-se pelo outro em menoscabo de si mesma.
- 6) Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a afirmação quase unânime das adolescentes grávidas de que prescindiam do uso dos anticoncepcionais, ao pensar em relação à gravidez: “isto não vai acontecer comigo”. Apesar de informadas sobre assuntos da sexualidade e anticoncepcionais, sistematicamente, não faziam uso deles ou, quando os utilizavam, acabavam por prescindir de seu uso, o que facilitava a aparição da gravidez.

Numa tentativa de compreender esse comportamento, refletimos sobre um estudo de Hélène Joffe (1994) sobre o fenômeno da AIDS. Nessa investigação, Joffe (1994) afirma que existe uma tendência histórica e transcultural a associar enfermidades epidêmicas incuráveis a nações estrangeiras e a grupos marginais. Para Joffe (1994), fenômenos sociais estranhos, que ameaçam nosso sentido de ordem e nossa sensação de que podemos controlar o mundo, levam-nos a criar representações sociais desses fenômenos, como mecanismos de defesa de projeção. Ao projetar sobre o outro aquilo que nos ameaça, circunscrevemos a ameaça ao outro e, com isso, sentimo-nos menos ameaçados.

Ainda que nossa proposta de trabalho siga uma perspectiva teórica diferente, podemos utili-

zar as contribuições de Joffe para tentar compreender por que, para nossas adolescentes, a gravidez só pode acontecer aos outros, quer dizer, a crença mais forte nessas jovens é: “aos outros, sim; a mim, não”.

Na conclusão de seu artigo, Joffe destaca três aspectos referentes aos seus achados que, particularmente, nos interessam. São os seguintes:

- 1) “A disseminação da AIDS (...) aparece sempre como responsabilidade de grupos que são externos ao próprio grupo”;
- 2) a projeção da responsabilidade sobre grupos estranhos é um mecanismo de defesa que afasta tanto ao próprio grupo como ao Eu da AIDS, deixando intacta a sensação de controle;
- 3) a projeção intergrupual ocorre como forma de controlar o que ameaça nossos sentimentos de onipotência” (Joffe, 1994, p. 318-319).

Baseando-nos nessas três afirmações, é possível lançar alguma luz sobre o comportamento de nossas adolescentes. Em primeiro lugar, observamos que, ao descrever-se, essas adolescentes se excluem das principais características negativas que, em geral e inclusive por elas mesmas, costumam ser atribuídas aos adolescentes de tal modo que, aparece aquilo que Fonseca (1993) chama “o paradoxo do brasileiro”, isto é:

“Cada um de nós separadamente tem o sentimento e a crença sincera de estar muito acima de tudo isto que nos rodeia. Ninguém aceita, ninguém agüenta mais: nenhum de nós pactua com o mar de lama, a burla e a vergonha de nossa vida pública e comunitária. O problema é que, ao mesmo tempo, o resultado final de todos nós é precisamente tudo isso que vemos! A auto-imagem de cada uma das partes - a idéia que cada brasileiro gosta de nutrir de si mesmo - não está de acordo com a realidade do todo melancólico chamado Brasil” (Fonseca, 1993, p. 12).



Para Fonseca (1993, p. 12), este traço de nossa psicologia moral tem longa e variada história e pode apresentar-se em momentos históricos diferentes de formas distintas, de acordo com as contingências do momento. Pode apresentar-se em forma de paradoxo – “o brasileiro é sempre o outro; não, eu” – e inclusive em forma de manifestações narcísicas do tipo: “país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”.

Vejam os que acontecem com nossas adolescentes. O quadro que elas pintam sobre a adolescente atual é pessimista. Para elas, as adolescentes contemporâneas são irresponsáveis, voltadas para objetivos imediatos, hedonistas etc. Mas, quando descrevem a si mesmas, de um modo geral, a situação se modifica. Têm perspectivas de futuro, acreditam-se responsáveis, justificam suas práticas sexuais por motivos românticos e tradicionais. Quer dizer, em suas percepções, as adolescentes atuais se encaixam no que os autores chamam o indivíduo pós-moderno, egocêntrico e narcísico Lasch (1983), Santos (1986) e Baudrillard (1991), enquanto que elas mesmas se descrevem de uma forma próxima da visão tradicional. Aqui aparece o que temos chamado o “paradoxo do brasileiro”: “os adolescentes são os outros”.

Que explicação poderíamos dar para isso? Talvez o mecanismo de defesa de projeção de que nos fala Joffe (1994). Nossa sociedade, geralmente, descreve nossos adolescentes de maneira tão negativa, que a estes resulta difícil admitir-se como pertencentes a esse grupo. A gravidez na adolescência é sempre vista do mesmo modo, como algo negativo, e resultado da falta de responsabilidade ou da ignorância das jovens. Jamais é descrita, em nossa linguagem ordinária, como o resultado de um desejo e como capaz de proporcionar crescimento e maturidade, nem sequer para uma parte dessas adolescentes. Dessa maneira, engravidar representa uma ameaça que cada uma necessita evitar. O que resulta é que, em uma atitude narcísica, o mal só pode estar reservado ao outro, não a si mesma. Como resultado, a crença que vai prevalecer será “aos outros, sim; a mim, não”. Ao projetar as inquietações sobre o outro, essas adolescentes afastam de si mesmas a ameaça de ficarem grávidas,

sentem-se onipotentes e alimentam a ilusão de que têm tudo sobre controle.

- 7) Quando se trata de anticoncepção e gravidez, uma vez mais, elas demonstram, em sua rede de crenças e desejos, a ambivalência entre princípios e valores contemporâneos e tradicionais, ainda que prevaleçam os tradicionais. Decidem quando e como evitar a gravidez e também se vão ter ou não o filho depois de ficarem grávidas. Na maioria dos casos, ainda que o rapaz tome a iniciativa de usar o preservativo, atitude contemporânea, a última palavra a esse respeito é da menina, que, inclusive, em alguns casos, impede que seu companheiro o use. Quando ficavam grávidas, a maioria recusava de imediato o aborto e não admitiam que seus companheiros opinassem. Isso está de acordo com a perspectiva da mulher tradicional que exerce seu poder, principalmente, no domínio do privado.
- 8) Os demais assuntos relacionados com a sexualidade são configurados, do mesmo modo, pelos dois ideários. Reclamam o direito de praticar sexo, mas, do mesmo modo que suas mães, se recusam a falar desse tema. É fácil falar sobre os aspectos teóricos, como anticonceptivos, enfermidades sexualmente transmissíveis etc., mas é difícil para elas falar de virgindade e de relações sexuais, principalmente com seus pais. Assim, esse assunto não é tratado nas conversações entre mães e filhas, e a única forma de as mães se inteirarem sobre a vida sexual da filha é através da gravidez.
- 9) A relação de casal é outro aspecto importante para essas jovens, seja através da união jurídica e/ou religiosa, seja através da união consensual, dependendo do padrão socioeconômico e cultural do grupo ao qual pertence a adolescente. Aqui se evidencia a influência da tradição. Mas, em contrapartida, o ideal de felicidade típico da contemporaneidade, no qual se acredita que se deve “ser feliz sem sofrer” (Campello, 1998) e que a felicidade está associada ao ideal de “amor-paixão romântico” (Costa, 1998 a, b), também se evidencia e faz com que as relações

de casal sejam vistas como transitórias e efêmeras. A crença que se apresenta é a de que buscar a felicidade se antepõe à durabilidade das relações conjugais.

- 10) Ainda sob uma visão tradicional, consideram, do mesmo modo que seus pais, que a gravidez só deve acontecer no casamento e, se acontece fora dele, este deve ser imediatamente providenciado, seja o casamento formal ou a união consensual, dependendo do grupo a que pertence a adolescente.
- 11) No sentido da contemporaneidade, o casamento ou o ter filhos deixou de representar um rito de passagem em direção à independência dos pais. Nas famílias contemporâneas, os pais-avós são os que assumem as responsabilidades com as crianças que nascem de gravidezes inesperadas, inclusive assumem as responsabilidades com o novo casal que se constitui, principalmente no que se refere à manutenção, mas também quanto aos cuidados.

Conclusões

Em síntese, podemos dizer que as adolescentes de nossa investigação se subjetivam como uma rede de crenças e desejos que não é linear, mas, muito pelo contrário, há superposição e conflito entre os subconjuntos da rede, que funciona, única e exclusivamente, sob os auspícios do princípio da crença. O lugar onde parecem estar nossas adolescentes é, na expressão de Costa (1998 a, b), entre o “não mais ... e o não ainda”, não mais ... antigas, não ainda ... contemporâneas. Dizemos, como diz Costa (1998 b, p. 21), que estão “como quem pede proteção aos deuses da chuva, enviando e-mails com dados de satélites meteorológicos!”

Por conseguinte, podemos sintetizar nossas conclusões em quatro itens:

- 1) a adolescente brasileira grávida se subjetiva, entrelaçando valores e princípios configurados pela tradição e pelo ideário neoliberal contemporâneo, respeitadas as especificidades do contexto socioeconômico e cultural em que estão inseridas;
- 2) o modo de subjetivação evidencia um predomínio da tradição, principalmente no que se refere à busca de uma identidade feminina (construção do ser mulher) e de pertencimento afetivo (construção da família);
- 3) a crença e o desejo de sucesso profissional são os valores da contemporaneidade que mais se destacam no processo de subjetivação dessas adolescentes;
- 4) a gravidez ocupa um lugar de ressignificação e reatualização do modelo materno, constituindo-se como modo de confirmar valores da tradição e de desvelar a mulher sexualizada que habita nelas e que o silêncio repressor expulsou como um discurso explícito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, J. **Da sedução**. Campinas: Papirus, 1991.
- CAMPELLO, T. B. Seja feliz sem sofrer: um novo ideal do final do milênio? In: JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE PERNAMBUCO : Psicanálise, subjetividade, feminilidade. 15, 1998, Recife. **Trabalho apresentado ...** Recife, [s. l.], 1998.
- COSTA, J. F. Pragmática e processo analítico: Freud, Wittgenstein, Davidson, Rorty. In: COSTA, Jurandir Freire (Org.) **Redescrições da psicanálise: ensaios pragmáticos**. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1994, p.9- 60.
- _____. **Não mais, não ainda**: a palavra na democracia e na psicanálise. [on line. Disponível na Internet via. [www.http://www.usp.br/biblioteca_virtual_de_direitos_humanos](http://www.usp.br/biblioteca_virtual_de_direitos_humanos). Arquivo capturado em 28 de setembro de 1998a.
- _____. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro : Rocco, 1998b.



- COUTINHO, A. R. Pressupostos da noção de subjetividade. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (Org.) **Cultura da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985 p. 62-93.
- DESSER, N. A. **Adolescência**: sexualidade e culpa. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1993.
- FONSECA, E. Giannetti da. **Vícios privados, benefícios públicos?** São Paulo : Companhia das Letras, 1993.
- IBGE & BANCO MUNDIAL. **Brasil: situação demográfica e sócio-econômica da população**. [Info@rpn.br], 1996.
- JOFFE, H. Eu não, o meu grupo não: representações sociais transculturais da AIDS. In: GUARESCHI, Pedrinho, JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Representações Sociais**. Petrópolis : Vozes, 1994, p. 297-321.
- LASCH, C. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro : Imago, 1983.
- RORTY, R. **Objetivismo, relativismo e verdade**: Escritos filosóficos I. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.
- SANTOS, J. F. dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo : Brasiliense, 1986.